

**A TRÍADE FUNDAMENTAL DOS ELEMENTOS NO
CULTO CRISTÃO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E
TEOLÓGICA DO EIXO NORTEADOR NA ADORAÇÃO
PÚBLICA**

**The fundamental triad of elements in Christian worship: a historical
and theological analysis of the guiding axis in public worship**

Flávio Schmitt¹
Pablo Rangel Cardoso da Costa Souza²
Fernando Batista de Campos³

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

² Doutorando em Teologia pela Faculdades EST.

³ Doutorando em Teologia pela Faculdades EST.

Resumo:

A tríade dos elementos do culto cristão forma uma ponte em direção até Jesus Cristo. Nesse sentido, o foco do culto está envolvido em e para a Pessoa de Jesus. Entretanto, para que se chegue a esse entendimento, é preciso compreender a instituição dos elementos cúlticos em Israel, a função da sinagoga, a liberdade-fixada e a forma de apresentação dos elementos litúrgicos que compõem o culto. Esta pesquisa pretende mostrar que há uma tríade relacional - louvor, ensino e oferta - no culto cristão. O falar, ouvir e ofertar, isto é, o ato de prestar culto é o círculo de atmosfera cúltica que engloba o louvor, o ensino, e a oferta que é dirigida a Deus. Esses elementos estruturam o culto que podem espelhar o cenário religioso que perpassa a comunidade da fé dos cristãos até os dias de hoje.

Palavras-chaves: Culto Cristão. Elementos Cúlticos. Oferta. Louvor. Ensino

Abstract:

The triad of elements of Christian worship forms a bridge towards Jesus Christ. In this sense, the focus of worship is involved in and for the Person of Jesus. However, in order to reach this understanding, it is necessary to understand the institution of worship elements in Israel, the function of the synagogue, the fixed freedom and the way of presenting the liturgical elements that make up the cult. This research aims to show that there is a relational triad – praise, teaching and offering – in Christian worship. Speaking, listening and offering, this is, the act of worshiping is the circle of a cult atmosphere that includes praise, teaching and the offering that is directed to God. These elements structure the cult that can mirror the religious scene that permeates the Christian community of faith until today.

Key words: Christian worship. Cúltic. Elements. Offer. Praise. Teaching.

1. O Elemento principal do culto cristão.

Para começarmos a falar sobre os elementos do culto cristão, precisamos definir o que não é culto. John Frame diz que culto não é “um programa para proporcionar entretenimento ou para fortalecer a autoestima ou encorajar o farisaísmo e a hipocrisia.”⁴ Por outro lado, James F. White, citando o professor Georg Florovsky, diz que “o culto cristão é a resposta dos seres humanos ao chamado divino, aos ‘prodígios’ de Deus, culminando no ato redentor de Cristo”⁵. Nesse mesmo sentido, John Frame diz que o “culto é o serviço de reconhecimento e honra à grandeza de Nosso Senhor da Aliança.”⁶ Para ele, o culto já acontecia antes da Queda de Adão e Eva numa forma pactual (Gn 2.15-17). Após a Queda, o culto a Deus tem uma atmosfera ampliada para o evangelho, isto é, centrada em Cristo e o que ele fez pelas pessoas cristãs.

Tudo o que fazemos no culto, portanto, agora nos fala do pecado e do perdão, da expiação e da ressurreição de Jesus por nós. O culto, após a Queda de Adão, deveria ser centralizado não apenas em Deus pai, mas também em Cristo e no evangelho. Sempre, em nossos cultos, as boas novas de que Jesus morreu por nossos pecados e ressuscitou gloriosamente da morte deveriam ser centrais.⁷

Essa relação cúllica não deve ficar apenas na verticalidade. Ela deve alcançar também a horizontalidade, ou seja, deve estabelecer contato com as pessoas cristãs que cultuam a Deus. “O culto em comum precisa ser complementado pela individualidade das devoções pessoais; estas precisam ser equilibradas pelo culto em comum.”⁸ Essa dimensão horizontal tem o propósito de fortalecer a fé e a unidade entre os cristãos, que adoram a um único Deus. Esses pontos devem se cruzar assim como as estacas da cruz, senão não existe amor, obediência e sacrifício (1 Jo 4.19).

⁴ FRAME, John. Em Espírito e Em Verdade. São Paulo: Cultura Cristã, 2016. p. 30.

⁵ WHITE, James F. Introdução ao Culto Cristão. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 17.

⁶ FRAME, 2016, p. 21.

⁷ FRAME, 2016, p. 27.

⁸ WHITE, 1997, p. 23.

Frame distingue dois tipos de culto a Deus. Um abrange o sentido amplo e outro o restrito. Amplamente, toda a nossa vida é um serviço de adoração a Deus⁹, pois o povo cristão O reconhece como o Deus que deve ser adorado como Rei (Sl 24.10). E, restritamente, as pessoas cristãs cultuam a Deus quando se colocam em ações particulares (devocionais), cultos domésticos (em família) e cultos públicos (reunião em grupo).

Além de definir o que é culto, é preciso, também, conceituar o que é *louvor* e *adoração*. O louvor e a adoração são termos que podem ser racionalmente entrelaçados pelos cristãos, por isso, vale a pena “separar” essas palavras em seus próprios conceitos. Rubem Amorese, em seu livro, diz que a palavra *louvor* quer dizer “elogio”¹⁰. Mas

quando se refere a Deus, em sua forma triúna ou particularizado em alguma pessoa da Trindade, a palavra *louvor* assume conotação teológica. [...] Com elogio, o louvor nada mais é que a expressão, individual ou coletiva, de reconhecimento do que Deus é e faz.¹¹

Percebe-se que o louvor a Deus assume essa característica de bendizê-lo pela Sua justiça, misericórdia, bondade, fidelidade. Sobre a adoração, Amorese diz que “a adoração, assim como o amor, não se vê. O que aparece é seu resultado exterior, como expressão dramática da intimidade”¹². Entende-se, então, que a partir disso o louvor é externalizado pela sensibilidade interna do adorador, voltada para Deus pelo que Ele é e faz.

Nesse sentido, todo o culto cristão deve ser centralizado em Deus e em Cristo¹³. O Elemento principal de culto é o próprio Deus, em Cristo Jesus, agindo com as ações replicadoras do Espírito Santo na comunidade cristã. Ela O adora, porque o Seu Espírito a impele à adoração. De acordo com Frame, no culto a Deus, os cristãos exaltam o *controle*, a *autoridade* e a *presença* de Deus. As

⁹ FRAME, 2016, p. 32.

¹⁰ AMORESE, Rubem. Louvor, Adoração e Liturgia. Viçosa, MG: Ultimato, 2004. p. 24.

¹¹ AMORESE, 2004, p. 24.

¹² AMORESE, 2004, p. 25.

¹³ FRAME, 2016, p. 24.

pessoas cristãs, dessa forma, dirigem louvores a Deus para exaltar os atos poderosos de Deus, curvam-se diante da Sua absoluta autoridade e experimentam a Sua presença no ambiente litúrgico. Esse culto se presta em serviço de corpo e mente a Deus que se materializa na reunião pública.

2. A instituição dos elementos cúlticos em Israel

Segundo a Bíblia Hebraica, após a Queda da humanidade, Deus procurou estabelecer contatos com as suas criaturas. Por exemplo: Caim, Abel, Noé, Abraão, Moisés, Isaías. Esses encontros tinham uma sublimidade revelacional para esses adoradores. Eles não podiam escapar do controle, da autoridade e da presença de Deus. Com Israel, de uma só vez, Deus se revelou no monte Sinai (Êx 19-20.21). A partir desse evento, fica evidente a relação especial que Ele tinha com um povo eleito/escolhido e a forma de prestar culto a Ele¹⁴. Em Israel, o serviço cúltico “incluía um elaborado sistema de ofertas de animais, grãos, vinho, óleo e incenso”¹⁵ que os sacerdotes conduziam num ritual cúltico para apaziguar a ira de Deus sobre os pecados cometidos pelo Seu povo.

Esses encontros foram muito diferentes uns dos outros, mas há semelhanças importantes entre eles. O adorador era tomado por um temor reverente. O controle, a autoridade e a presença do Senhor impunham-se com absoluta evidência. Sua força e seu poder eram esmagadores; falava uma palavra de autoridade e revelava-se na presença do adorador. Este não permanecia o mesmo. Saía da experiência com uma nova missão: servir a Deus com renovada dedicação.¹⁶

No tabernáculo, havia sacrifícios oferecidos a Deus. Os sacerdotes, nesse ambiente, eram encarregados para tal ofício. O tabernáculo era dividido em duas partes por uma cortina: o Lugar Santo e o Santo dos Santos. “No Lugar Santo, ficava a mesa com o pão da proposição, o candelabro e o altar do incenso. No Santo dos Santos, ficava a arca da aliança, o trono ou o local da

¹⁴ FRAME, 2016, p. 40.

¹⁵ FRAME, 2016, p. 41.

¹⁶ FRAME, 2016, p. 38.

presença divina”.¹⁷ Esse ambiente era visitado por um sumo sacerdote e apenas uma vez por ano no Dia da Expição.

O rei Davi desejou construir uma habitação permanente para Deus, no entanto, foi o seu filho – Salomão – quem construiu o templo. “Esse era o centro de Israel, porque o próprio Deus havia prometido fazer seu nome morar em meio a seu povo nesse local.”¹⁸ O templo era bem maior em tamanho que o tabernáculo. A mobília era a mesma, porém em maiores proporções. “Tanto o tabernáculo quanto o templo eram especialmente devotados ao culto sacrificial”¹⁹. Além disso, os adoradores faziam suas orações, prestavam juramentos, cantavam louvores e ensinavam as Escrituras.²⁰ Percebe-se que os israelitas iam ao lugar de adoração para prestar honra e louvor a Deus e, ao mesmo tempo, prestar um tempo de comunhão na presença de outros com o mesmo objetivo.

Portanto, os elementos cúltricos rendidos a Deus no tempo do tabernáculo/templo eram a expiação, as ofertas, as orações, o ensino, e os louvores. Todos esses elementos eram voltados a Deus para que Ele recebesse como honra devida. Nesse movimento, todos os outros adoradores também eram forjados a oferecer honra e louvor a Deus.

3. A transição dos elementos cúltricos numa esfera sinagoga

Não se sabe ao certo a origem das sinagogas. Sua origem remonta, assim como o Talmude afirma, durante o Primeiro Exílio, em 587 a.C.²¹. Entretanto, há suspeitas de *como* elas poderiam ter sido notadas. Frame defende que “mesmo antes do exílio, talvez desde o tempo de Moisés, havia, além do serviço de adoração no tabernáculo, algum tipo de ministério de ensino que eventualmente

¹⁷ FRAME, 2016, p. 44.

¹⁸ ROLOFF, Jürgen. O Culto no Protestantismo. São Leopoldo: Sinodal – Faculdades EST, 2011. p. 63.

¹⁹ FRAME, 2016, p. 45.

²⁰ FRAME, 2016, p. 45.

²¹ AVIGDOR, René. Judeus, Sinagogas e Rabinos: O Judaísmo em São Paulo em mudança. São Paulo: USP. Acessível: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-02082010.../2010Renee_Avigdor.pdf

foi espalhado por todo o território de Israel.”²² Essa defesa está baseada em textos como 2 Reis 4.23 e Levítico 23.3 que indicam um encontro semanal convocado pelos levitas, pois uma de suas funções era a de ensinar (Lv 10.10,11). Porém, após o exílio, o cenário sinagoga ficou mais evidente para que os israelitas não perdessem a identidade de sua fé.

Por outro lado, Jürgen Roloff defende que o culto sinagoga se formou desde o exílio babilônico²³. Para ele, o que pode ter contribuído para esse surgimento foram “as assembleias dos anciãos de Judá” (Ez 8.1; 14.1), “cultos populares” na época da reforma de Esdras/Neemias (Ne 9.3). O que tem que ser entendido aqui é que a sinagoga não excluía as atividades no templo, ou seja, os dois se complementavam.

Lembre-se que Jesus ensinava nas sinagogas e essas reuniões aconteciam, regularmente, aos sábados. (Lc 4.14,16)²⁴. Esse ambiente estava restrito a orações e estudos nas Escrituras, pois “o culto sacrificial estava restrito ao templo.”²⁵. Ainda que todos os elementos sacrificiais estabelecidos para o desenvolvimento no tabernáculo não estivessem presentes na sinagoga, pode-se afirmar que os presentes estavam oferecendo um culto a Deus. Isto é, um serviço de adoração e sujeição Àquele que controla todas as coisas; tem autoridade sobre todas elas; e está presente em todos os lugares.

Roloff nos diz que “tudo o que podemos apurar, do culto sinagoga da época anterior a 70 d.C. era determinado por uma sequência composta de dois elementos: uma parte de oração e uma parte de interpretação das Escrituras.”²⁶ Portanto, os elementos cúlticos que os adoradores prestavam em suas reuniões eram orações e ensinamentos²⁷. Nesse ambiente, não havia *espaço* para o sacrifício, mas

²² FRAME, 2016, p. 46.

²³ ROLOFF, 2011, p. 63.

²⁴ ALLMEN, J. J. von. O Culto Cristão: teologia e prática. 2 ed – São Paulo: ASTE, 2005. p. 129 “Ao que parece, havia no judaísmo, mesmo antes da era cristã e pelo menos com respeito à Torah, um sistema fixo de perícopes que deviam ser lidas no correr dos sábados do ano.”

²⁵ FRAME, 2016, p. 46.

²⁶ ROLOFF, 2011, p. 64.

²⁷ FRAME, 2016, p. 46.

de qualquer forma, pode-se entender que quem participava na sinagoga também estava prestando um culto a Deus.

4. Os elementos cúlticos estão dentro de uma liberdade-fixada

A manifestação de Jesus como o Cristo inaugura uma nova perspectiva sobre a encenação do culto. Se antes todos os elementos no culto apontavam para um cordeiro, percebe-se que Jesus é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1.29). Se os sacrifícios deveriam ser feitos todos os dias, agora, “de uma vez por todas” o Seu sacrifício é cabal (Hebreus 10.10). Se antes os adoradores tinham de ir ao templo e ao tabernáculo para se encontrarem com Deus, Jesus tabernaculou-se entre eles (João 1.14). Se antes as festas anuais eram promovidas, Jesus, agora, é o ponto central e final de todas elas.²⁸ Se antes as promessas do reino de Deus e da vida eterna estava dirigida a Israel, em Cristo, agora, estão disponíveis a toda “tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9). O que se depreende é que com a vinda de Jesus, sua morte e ressurreição, todos os elementos do culto no Antigo Testamento foram cumpridos nele.

É sabido que os cristãos – judeus e gentios – do primeiro século se reuniam para orar, ensinar as Escrituras, celebrar os sacramentos²⁹, ofertar para a necessidade dos irmãos, cumprimentar com “beijo santo”, disciplinar eclesialmente, louvar a Deus.³⁰ “Embora as Escrituras não se refiram às assembleias cristãs como um serviço de culto, elas usam uma terminologia cultural para descrever algumas coisas que realizamos nessas ocasiões.”³¹ As reuniões, nesse sentido, podem ser identificadas como o *modelo* que o Antigo Testamento prescrevia: ofertas, orações, ensino, comunhão que apontam para o Cristo, Jesus. Jürgen Roloff aborda que

²⁸ FRAME, 2016, p. 52.

²⁹ Os cristãos evangélicos entendem que são dois: o Batismo e a Ceia - <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2017/09/reforma-e-os-sacramentos/> 07/05/19 – 11h53. Os cristãos católicos romanos entendem que são sete: o Batismo, a Crisma, a Eucaristia, a Confissão, a Unção dos enfermos, a Ordem e o Matrimônio – http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html 07/05/19 - 11h57

³⁰ FRAME, 2016, p. 55.

³¹ FRAME, 2016, p. 59.

o culto cristão não é uma criação inteiramente nova. Pelo contrário, ele pressupõe o culto judaico, no qual e o qual, ao mesmo tempo, contesta. No esforço de distinguir o cristianismo o máximo possível do judaísmo para, dessa maneira, acentuar sua novidade, via-se no passado, em grande parte, a relação entre o culto cristão e culto judaico como uma completa ruptura. A pesquisa mais recente, entretanto, começou a redescobrir os estreitos nexos existentes entre ambos, em termos tanto de forma quanto de conteúdo.³²

Portanto, os elementos cúlticos no culto público promovido pelo povo cristão, nos primeiros séculos, seriam a oração, o ensino das Escrituras³³, a celebração dos sacramentos, a retirada de ofertas para ajudar os necessitados, a comunhão receptiva, a disciplina eclesiástica, e os louvores a Deus.

5. A forma de apresentação dos elementos cúlticos

Percebe-se que os elementos cúlticos, desde a instituição até a recepção dos cristãos, apontam para Jesus Cristo. Visto isso, todo o culto público propõe estar voltado para o compromisso de cultuar a Ele. O propósito, então, das reuniões públicas, estritamente falando, estaria apoiado nos elementos já prescritos para a adoração a Deus, ou seja, os elementos que lhe agradam. Se Ele é o Senhor a quem se deve adorar, então, somente Ele sabe o que lhe agrada. As pessoas cristãs, no entanto, devem entender que existe uma liberdade para a manifestação cúltica, mas ela é uma liberdade-fixada por Ele mesmo. Nessa *ordem* de liberdade-fixada, Frame nos ajuda a entender que,

por exemplo, a Bíblia não proíbe explicitamente exhibições de malabarismo durante o culto. Mas ela explicita os propósitos de uma reunião de adoração e louvor; e entretenimento, embora absolutamente legítimo, não é consistente com aqueles propósitos estabelecidos. Podemos até afirmar que o entretenimento, quando de acordo com os padrões bíblicos, é uma forma de “culto em sentido amplo”. Mas é geralmente inconsistente com os propósitos de uma reunião de culto.³⁴

³² ROLOFF, 2011, p. 63.

³³ Allmen diz que “todo ato cristão de adoração é sustido pela Palavra de Deus”, logo a atenção sobre *o que fazer e como fazer* são vistos a partir dela como princípios. ALLMEN, 2005, p. 128.

³⁴ FRAME, 2016, p. 72.

Diante disso tudo, podemos, segundo Frame, pensar em dois princípios gerais. Primeiro, deve-se fazer o culto “para a glória de Deus” (1 Cor 10.31) e que tudo “seja feito para a edificação” de todos (1 Cor 14.26). Aqui, mais uma vez, observa-se essa *crux* na adoração cúltica: verticalidade e horizontalidade. Deus ordena que cantemos louvores, mas quais? Deus ordena que oremos, mas pelo que orar? Deus ordena que ensinemos a Sua Palavra, mas o quê, a quem e quando? Essas e outras questões são resolvidas pelo bom senso e sabedoria aplicadas ao contexto litúrgico do Antigo e Novo Testamento. Além disso, o conteúdo das orações do povo de Deus presentes na Bíblia Hebraica, especialmente nos Salmos, bem como o próprio conteúdo das orações de Jesus, nos fornecem elementos importantes que podem ser inseridos na oração da comunidade cristã.

Na reunião de culto público, subentende-se que as atividades como a dança, o teatro, a apresentação dos visitantes, os avisos e os batismos, por exemplo, não acontecem no *horário* previsto para cultuar a Deus publicamente. Essas atividades podem ter as suas realizações, entretanto, de acordo com o que se percebe, não é no contexto reservado para o culto a Deus. Frame diz que

devemos ser tanto mais conservadores como mais liberais que a maioria dos estudiosos do culto cristão: conservadores, no sentido de nos atermos exclusivamente aos mandamentos de Deus nas Escrituras como nossa regra de culto, e liberais, defendendo a liberdade daqueles que aplicam os mandamentos de modo legítimo, embora não tradicional.³⁵

Nas Escrituras, não há uma lista fixa para que o culto aconteça numa determinada ordem ou até mesmo, como já vimos, uma lista de elementos fixos de um tempo para o outro. O que há são princípios que norteiam a adoração pública congregacional. Como orientação, Frame fornece uma lista de doze³⁶ elementos cúlticos que foram/são utilizadas por grupos (judaicos ou gentílicos) resguardadas as devidas proporções.

³⁵ FRAME, 2016, p. 76.

³⁶ FRAME, 2016, p. 87ss

1. *Saudações e bênçãos* – Percebe-se nas cartas de Paulo uma identificação abençoadora muito comum nesse sentido.
2. *Leitura das Escrituras* – As Escrituras eram lidas nas sinagogas. Isso também se tornou comum entre os cristãos, pois eles eram incentivados, por exemplo, por Pedro e Paulo. (2 Pe 3.15; 2 Ts 3.14)
3. *Pregação e ensino* – Uma atividade regular em todas as reuniões de grupo (Ne 8.8; At 2.1-14)
4. *Profecias Carismáticas e o Falar em Línguas*³⁷ – É certo que esse ato fez parte dos primeiros cristãos (1 Cor 12)
5. *Orações* – A oração comunitária é parte integrante do culto público (1 Tm 2.1,2)
6. *Cânticos* – Quando o povo de Deus se reúne, há louvores. (Cl 3.16)
7. *Votos* – Todo o culto é uma promessa diante de Deus como testemunha de nosso compromisso com Ele. Além disso, os votos fazem parte dos sacramentos, ou seja, uma (re)dedicação de compromisso com o Senhor (Sl 50.14).
8. *Confissão de fé* – Toda a nossa vida é uma confissão de fé. Estamos dizendo a todos que nos cercam em Quem confiamos e a Quem daremos honra. Fazer uma confissão pública de fé entre os cristãos, então refletiria uma boa atitude de confirmar a nossa crença (1 Tm 6.12,13).
9. *Sacramentos* – Esses fazem parte da noção pública de fé para confirmar a participação no Reino de Deus. Por exemplo, a Ceia do Senhor (1 Co 11.17-34)
10. *Disciplina na Igreja* – Ela deve acontecer do privado para o público (Mt 18.15-20)

³⁷ O autor John Frame defende que esses dons especiais foram efetuados durante o período de fundação da igreja e encerrados lá. Portanto, não devemos esperar isso em nossos dias. FRAME, 2016, p. 88.

11. *Coletas e Ofertas* – No Antigo Testamento, as ofertas “geralmente se referia aos sacrifícios trazidos ao tabernáculo ou ao templo”³⁸. No Novo Testamento, Cristo foi a oferta de Deus, mas os cristãos trazem ofertas ao culto para atender as necessidades dos que precisam ser socorridos (1 Co 9.3-12).

12. *Expressões de comunhão* – No culto público, devemos prestar culto a Deus e, ao mesmo tempo, prestar a atenção com o próximo. Isto é a *cruz* do culto público. Além disso, essas expressões de comunhão podem se dar em refeições comunitárias e declarações afetuosas entre os cristãos.

Geoffrey Wainwright demonstra que os elementos cúltricos podem ser cinco formas, a saber: a leitura da Escritura, a pregação, as orações, as confissões de fé, hinos e cantos³⁹.

1. *A leitura da Escritura* – A Bíblia serve como forma de reforma e renovação da Igreja, por isso a transmissão não só das letras, mas do seu espírito é muito importante para as próximas gerações.

2. *A pregação* – Aqui, “os pregadores tentarão narrar a velha história de forma nova”⁴⁰ para que os ouvintes sejam obedientes aos mandamentos de Deus por meio das Escrituras.

3. *Orações* – Elas são dirigidas a Deus e pelos irmãos. “As orações abrangem toda a escala de adoração, louvor, ação de graças, lamentação, súplica, intercessão”⁴¹.

4. *Confissões de fé* – Os credos, confissões e catecismos são instrumentos que auxiliam e atestam a fé comum em uma tradição.

³⁸ FRAME, 2016, p. 90.

³⁹ WAINWRIGHT, Geoffrey. Fundamentação sistemático-teológica. São Leopoldo: Sinodal – Faculdades EST, 2011, p. 122.

⁴⁰ WAINWRIGHT, 2011, p. 122.

⁴¹ WAINWRIGHT, 2011, p. 123.

5. *Hinos e cantos* – A música no culto tem a sua função para trazer ritmo a alma e ao corpo. Ela pode ser silenciosa ou não.

O professor Jean-Jacques von Allmen diz que “a tradição reformada – fiel, de resto, à tradição católica autêntica neste terreno – reconhece quatro tipos maiores de elementos componentes do culto cristão”⁴², a saber: a Palavra de Deus, os sacramentos, as orações e a manifestação litúrgica da vida comunitária.

1. *A palavra de Deus* – o culto cristão é baseado nela e a partir dela são suscitados os demais elementos cúltricos. Por meio dela, proclama-se o significado pascal de que “o Senhor, aquele que é o Verbo, reaparece para nos dizer do seu amor e de sua vontade, para nos mostrar quem ele é e quem somos nós para nos interpelar e fazer-nos viver”⁴³.

2. *Ceia do Senhor ou Eucaristia*⁴⁴ - A Ceia, entre os primeiros cristãos, era celebrada com regularidade (At 2.42). Allmen dá três razões para que a Ceia aconteça em todo o culto. A primeira razão é que ela foi instituída por Cristo e ordenou à Igreja que a celebrasse. Segunda razão, “a Eucaristia é tão necessária à pregação, quanto à cruz a é ao ministério de Jesus”⁴⁵. Terceira razão, “permite – ao menos se não tivermos perdido totalmente o sentido da disciplina eclesiástica – perceber a diferença entre a Igreja e o mundo de maneira objetiva, e não subjetiva, moralizante e egocêntrica”⁴⁶.

3. *Orações* – As orações são incentivadas tanto em sentido particular como públicas pelas Escrituras.

⁴² ALLMEN, 2005, p. 127.

⁴³ ALLMEN, 2005, p. 131.

⁴⁴ Allmen justifica a sua posição, dizendo: “examinemos agora o segundo dos elementos normalmente constituintes do culto cristão. Poderíamos também chama-lo de ‘sacramento da Palavra de Deus’. Como, porém, estamos tratando do culto paroquial e não do batismal, discutiremos somente a Ceia do Senhor”. ALLMEN, 2005, p. 145.

⁴⁵ ALLMEN, 2005, p.153.

⁴⁶ ALLMEN, 2005, p. 153.

4. *Os testemunhos litúrgicos da vida comunitária* – Três aspectos se destacam nesse elemento cúlctico. Em primeiro lugar, aqui entra a comunhão das ofertas. Allmen diz:

não há dúvida de que podemos encarar a oferta dentro da perspectiva da confissão de fé, como sinal efetivo da auto-oferta dos fiéis ao serviço do Senhor, razão por que é válido situá-la no momento em que são reunidas sobre a santa mesa as espécies eucarísticas. Em sua intenção, porém, ela é também um sinal de unidade e fraternidade cristãs, pois seu objetivo é precisamente auxiliar a Igreja a viver nessa unidade e fraternidade.⁴⁷

Em segundo lugar, argumenta von Allmen, os cristãos devem ser incentivados a encorajar e ajudar espiritualmente os outros a reconhecerem Cristo como o seu auxílio. Em último lugar, os anúncios. Estes precisam ser anunciados para que a comunidade saiba o que está acontecendo e o que acontecerá.

Elementos comuns entre os teólogos		
Frame	White	Allmen
Leitura das Escrituras	Leitura das Escrituras	-
Pregação e ensino	Prédica	-
Orações	Orações	Orações
Cânticos	Hinos e cânticos	-
Confissões de Fé	Confissões de Fé	-
Sacramentos	-	Ceia do Senhor e Eucaristia
Expressões de comunhão	-	Testemunhos litúrgicos da vida comunitária

Elementos específicos entre os teólogos		
Frame	White	Allmen
Saudações e bênçãos	-	-
Profecias carimásticas e o falar em línguas	-	-
Disciplina na igreja	-	-
Coletas e ofertas	-	-

⁴⁷ ALLMEN, 2005, p. 170.

6. Elementos no culto cristão Católico Romano

No cenário religioso, é preciso falar sobre os elementos litúrgicos do catolicismo romano, pois o Culto Católico Romano, no seu rito latino, servirá para demonstrar, como contraponto, que os elementos do Culto cristão são fundantes e essenciais na sua celebração/culto/adoração, independente de diferentes denominações.

Vale ressaltar que os ritos presentes na liturgia Católica Romana, em sua parte fixa, permanecem praticamente os mesmos desde a Igreja primitiva até os dias atuais, salvo reformas, prefere-se usar o termo de ‘reformas litúrgicas’ e não mudanças.

A Santa Mãe deseja com empenho cuidar da reforma geral de sua Liturgia, a fim de que o povo cristão na Sagrada Liturgia, consiga com mais segurança graças abundantes. Pois a Liturgia consta de uma parte imutável, divinamente instituída, e de partes suscetíveis de mudança. Estas, com o correr dos tempos, podem ou mesmo devem variar, se nelas se introduzir algo que não corresponda bem a natureza íntima da própria Liturgia, ou se estas partes se tornarem menos aptas. Com esta reforma, porém, o texto e as cerimônias devem ordenar-se de tal modo, que de fato expressem mais claramente as coisas santas que eles significam e o povo cristão possa compreendê-las facilmente, na medida do possível, e também participar plena e ativamente da celebração comunitária.⁴⁸

Na celebração da Missa, o oficiante está diante de duas mesas que guardam em si uma relação de unicidade: A Mesa da Palavra de Deus e a Mesa do Pão do Senhor.

Na Mesa da Palavra Deus há um diálogo vivo e eficaz: Deus fala ao ser humano e este escuta. Não se pode diminuir ou limitar a voz de Deus quando a sua Palavra é proclamada na Missa, pois quando Deus fala, Ele expressa o seu

⁴⁸ VATICANO II . Sacrosanctum Concilium, n. 21. In: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html, Acessado em: 13.jun.2019

amor, dá a salvação à humanidade e o instrui para a um caminho de felicidade plena. ‘E quando a pessoa escuta, não deve ter uma postura de passividade e descompromisso, mas um deixar-se fecundar, compreendendo a Palavra por meio de uma resposta de vida e uma ação concreta’⁴⁹.

Na Mesa do Pão do Senhor, “se realiza o sacrifício que o próprio Cristo instituiu na Última Ceia”, no qual Ele oferece de si mesmo ao homem como verdadeiro cordeiro pascal, capaz de expiar os pecados do mundo inteiro.

A natureza sacrificial da Missa, que o Concílio de Trento solenemente afirmou, em concordância com a universal tradição da Igreja, foi de novo proclamada pelo Concílio Vaticano II que proferiu sobre a Missa estas significativas palavras: "O nosso Salvador na última Ceia instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e Sangue para perpetuar o sacrifício da cruz através dos séculos até a sua volta, e para confiar à Igreja, sua esposa muito amada, o memorial de sua morte e ressurreição."⁵⁰

O que resta é dar o culto que é devido a Deus: unir a oferta de Cristo a nossa oferta de vida. Na Mesa do Corpo de Cristo não há passividade ao seu sacrifício, mas as pessoas cristãs estão envolvidas por tão grande graça a ponto de fazer da nossa existência um ato oblato de vida.

6.1 Liturgia

Nesse momento, precisamos definir a palavra *liturgia*. O vocábulo "*Liturgia*", em grego, formado pelas raízes *leit-* (de *laós*, povo) e *-urgía* (trabalho, ofício) significa serviço ou trabalho público. Por extensão de sentido, passou a significar também, no mundo grego, o ofício religioso, na medida em que a religião no mundo antigo tinha um carácter eminentemente público.

Quando a Igreja Católica Romana celebra a Missa ela faz Liturgia, isto é, ela realiza uma ação sacramental plena, integral e oficial. A Eucaristia não é

⁴⁹ CECHINATO, Pe. Luiz. A missa parte por parte. 47ª edição. Petrópolis: Vozes.2017, p. 16.

⁵⁰ Instrução Geral sobre o Missal Romano. In: www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/01MISSALROMANO.html, Acesso: 22.maio.2019.

uma oração particular; é a oração do Corpo Místico de Cristo, ou seja, da cabeça e dos seus membros. É o culto total e da mais alta qualidade, pois Cristo está presente como sacerdote mediador, representando o lado carente, que é o nosso, e como vítima imolada, perfeita, capaz de agradar infinitamente ao Pai, dada a sua fidelidade e obediência.

Na simples estrutura abaixo, percebe-se, que no culto católico, a missa, tem-se os elementos do ensino (liturgia da Palavra), do louvor (eucaristia significa ação de graças)⁵¹ e oferta (liturgia eucarística).

1. Ritos iniciais: Ato Penitencial, Glória e Orações.
2. Liturgia da Palavra: Leituras, salmos, evangelho, homilia (ensino), profissão de fé e Oração da assembleia.
3. Liturgia Eucarística: Ofertório, oração eucarística, Rito da Comunhão e comunhão.
4. Ritos finais: Avisos, Bênção e envio.

A Igreja Católica reforça o cuidado dos bispos acerca dos cuidados com o rito litúrgico e sua correta aplicação para a celebração dos sagrados mistérios. ‘Para conservar a sã tradição e abrir ao mesmo tempo o caminho a um progresso legítimo, faça-se uma acurada investigação teológica, histórica e pastoral acerca de cada uma das partes da Liturgia que devem ser revistas.⁵² e ‘Por isso, ninguém mais, mesmo que seja sacerdote, ouse, por sua iniciativa, acrescentar, suprimir ou mudar seja o que for em matéria litúrgica⁵³.

Considerações Finais

No decorrer da abordagem do tema, procurou-se demonstrar que a Tríade dos elementos que norteia o culto em sua forma pública são o louvor, a oferta e o ensino. Desde a instituição do tabernáculo até os primeiros

⁵¹ Do grego *eukharistía* 'sacrifício de ação de graças', pelo latim *eucharistia, ae*

⁵² VATICANO II, 1963, n.23.

⁵³ VATICANO II, 1963, n. 22.

movimentos cúltricos praticados pelos cristãos, os elementos circulam em uma mesma atmosfera: prestar honra a Deus por meio do louvor, do ensino e da oferta.

Louvor – A nossa vida, amplamente, é um culto a Deus. E, de um modo especial, quando os cristãos se reúnem para prestar honra a Deus, eles estão cultuando o Senhor dos senhores. Cada ato prestado no culto deve ser um louvor a Deus, ou seja, o louvor abrange todos os outros elementos cúltricos. De forma geral, o louvor compreende as orações, as músicas, as ofertas, o ensino, os sacramentos. Esses elementos servem para que as pessoas cristãs possam louvar a Deus com atitudes cúltricas.

Normalmente, entende-se que o Louvor a Deus é prestado *na hora do louvor*, entretanto, o louvor a Deus é percebido, já, no chamamento para a reunião do culto. A pessoa que dirige o culto público está a chamar as pessoas cristãs para *louvar* a Deus pela Sua redenção em Jesus Cristo. Nas orações invocatórias, existem liberdades para louvar a Deus pelas bênçãos recebidas e por aquelas ainda não alcançadas. Louva-se a Deus com as músicas entoadas congregacionalmente ou em participações individuais na hora do culto. Há um *louvor* a Deus na entrega dos dízimos e ofertas. Os e as ouvintes louvam a Deus pelo sermão que é/foi ouvido pelo ministro do evangelho. Ou seja, o culto público não se restringe apenas na *hora do louvor*, mas do início ao fim Deus é louvado pelas pessoas cristãs.

Ensino – O culto é uma maneira de ensinar sobre Deus e Sua vontade. A exposição sermônica é um desses meios que identificam a estrutura e organização da comunidade no que crê e vive. Além disso, a oração, o louvor, a oferta, a exposição das Escrituras e a Ceia do Senhor são elementos que ensinam sobre a relação cúltrica sobre Deus. O ensino pode acontecer por meio da oração. Quando alguma pessoa ora, ela está ensinando aos seus ouvintes a depender de Deus. Por meio do louvor, ensinasse sobre os atos e as vontades

prescritivas dos mandamentos de Deus. E, ainda, ensina - se possível – os textos da Escritura em forma musical.

O ensino acontece, também, com a doação voluntária da oferta. Ela é recebida pela Igreja para ser distribuída de acordo com as necessidades ordinárias e extraordinárias. No sermão, o ensino é visivelmente audível na comunidade de fé. Neste momento, a igreja presta a atenção na voz da Palavra: Cristo. A Ceia ensina. Ensina por meio dos sentidos do olhar, do olfato, do tátil. O pão e o vinho trazem à memória da pessoa cristã sob a certeza da morte substitutiva de Cristo pelo Seu povo. Os elementos que fazem parte do culto ensinam sob a ótica dos sentidos: audição, olfato, tato, paladar, visão. Nisso percebe-se que a pessoa cristã participa não só com a mente, mas com o corpo todo no corpo de Cristo.

Oferta – O culto é uma oferta a Deus. Pode-se dividir a oferta em dois sentidos. A primeira é a geral, ou seja, todos os elementos do culto é uma entrega voluntária do ofertante a Deus. Quando a pessoa cristã se coloca a disposição para cultuar ao Deus Trino, ela está *ofertando* o seu tempo, sua alegria, sua vida. Portanto, depreende-se que o culto cristão é uma oferta viva a Deus.

O segundo é a entrega de uma oferta e/ou dízimo à comunidade de fé. Hoje, as pessoas cristãs entregam suas *ofertas* em dinheiro. Mas, a(s) oferta(s) tinha(m) suas finalidades objetivas. A princípio, as ofertas de sacrifício a Deus eram oferecidas com aquilo que da terra poderia se cultivar. Em Gênesis 4.3,4a nota-se: “Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste.” Em outro contexto, as ofertas são requeridas para a construção do tabernáculo. Êxodo 35.4-9:

Disse mais Moisés a toda a congregação dos filhos de Israel: Esta é a palavra que o SENHOR ordenou, dizendo: Tomai, do que tendes, uma oferta para o SENHOR; cada um, de coração disposto, voluntariamente a trará por oferta ao SENHOR: ouro, prata, bronze, estofado azul, púrpura, carmesim, linho fino, pêlos de cabra, peles de carneiro tintas de vermelho, peles finas, madeira de acácia, azeite para a iluminação, especiarias para o óleo da unção e para o

incenso aromático, pedras de ônix e pedras de engaste para a estola sacerdotal e para o peitoral.

Além disso, também existia o Dia da Expição em Israel para que o seus pecados fossem expiados. Os israelitas sabiam que

"*aos dez deste mês sétimo, será o Dia da Expição*" (Levítico 23:27). Havia sacrifícios diários pelo pecado, mas esse era um dia especial, de santa convocação. Aprendemos em Levítico 16 que o Sumo Sacerdote: 1. se purificaria com água; 2. vestiria suas vestes santas de linho; 3. mataria um novilho para fazer expiação por si e pela sua família; 4. tomaria uma vasilha de brasas do altar e entraria no Santo dos Santos para que a nuvem de incenso cobrisse o propiciatório, que era o lugar da expiação, da propiciação e da reconciliação; 5. sairia, tomaria o sangue do novilho, entraria pela segunda vez no lugar santo com o sangue e o aspergiria sete vezes sobre o propiciatório e diante dele; 'mataria o bode para a oferta pelo pecado, ultrapassaria o véu pela terceira vez e faria com o sangue como tinha feito com o sangue do novilho; 'faria expiação pelo lugar santo e pelo altar do holocausto; "imporia as mãos sobre a cabeça do bode vivo, confessaria os pecados do povo e enviaria o bode para o deserto; e "tiraria as vestes de linho, iria lavar-se, poria outra roupa e ofereceria um holocausto por si e pelo povo.⁵⁴

Entretanto, o autor aos Hebreus diz que

com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus, que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu.⁵⁵

Em outras palavras, Cristo é a perfeita oferta de Deus para Deus para que o Seu povo fosse perdoado. O povo cristão, a partir de então, entendeu que não era mais preciso oferecer os sacrifícios de animais para apaziguar a ira de Deus, pois Cristo já se ofereceu de uma vez por todas. Até o primeiro século, essas ofertas *in natura* eram a forma de ofertar, mas aos poucos elas foram sendo substituídas pelo dinheiro⁵⁶ para o socorro dos necessitados, pois “a atitude de

⁵⁴ https://www.estudosdabiblia.net/a13_17.htm Acesso em: 18.05.2019

⁵⁵ Hebreus 7.26,27

⁵⁶ RIEF, Sissi Georg. *Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos*. São Leopoldo: IPEG – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. Faculdades EST, 1999. p. 129.

ofertar era esperada dos batizados. Isso porque o princípio do servir faz parte da identidade peculiar dos cristãos que vivem na comunhão de Cristo (I Co 1.9; Gl 6.2)⁵⁷.

Pode-se perceber que os elementos cúltricos se entrelaçam e se destacam em momentos apropriados. Entretanto, chega-se a uma possível conclusão que existe uma tríade de elementos na adoração pública, a saber: o louvor, o ensino e a oferta. Com a separação destes elementos, pode-se perceber uma descontinuidade no envolvimento da adoração no culto cristão. Essa tríade precisa apontar para a pessoa central do culto: Jesus Cristo. As pessoas cristãs foram aproximadas de Deus através de Seu amor e graça, por isso, elas prestam culto a este Senhor com os corações agradecidos.⁵⁸

Referências

ALLMEN, J. J. von. O Culto Cristão: teologia e prática. 2 ed – São Paulo: ASTE, 2005.

AMORESE, Rubem. Louvor, Adoração e Liturgia. Viçosa, MG: Ultimato, 2004.

BÍBLIA SAGRADA – Nova Bíblia Pastoral, ed. Paulus.

CECHINATO, Pe. Luiz. A missa parte por parte. 47ª edição. Petrópolis: Vozes.2017

FRAME, John. Em Espírito e Em Verdade. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

RIEF, Sissi Georg. Diaconia e Culto Cristão nos Primeiros Séculos. IPEG – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. Faculdades EST, 1999.

SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich. Manual de Ciência Litúrgica. São Leopoldo: Sinodal – Faculdades EST, 2011.

ZIMMER, R. Alln; SCHROEDER, George W.; ZEMKE, Herman J. O Culto Cristão. Porto Alegre, RS: CONCÓRDIA, 1988.

WHITE, James F. Introdução ao Culto Cristão. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

Endereços eletrônicos

<https://voltemosaoevangelho.com/blog/2017/09/reforma-e-os-sacramentos/07/05/19-11h53>.

⁵⁷ RIEF, 1999, p. 130.

⁵⁸ ZIMMER, R. Alln; SCHROEDER, George W.; ZEMKE, Herman J. O Culto Cristão. Porto Alegre, RS: CONCÓRDIA, 1988. p. 12.

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html

http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html
07/05/19 - 11h57

https://www.estudosdabiblia.net/a13_17.htm 18/05/19 – 14h48
www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/01MISSALROMANO.html